

ENSINAR FORA DA SALA: APRENDIZAGENS DOCENTES EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

Júlio César Pereira de Lima ¹

INTRODUÇÃO

A formação docente no contexto contemporâneo exige experiências formativas que ultrapassem os limites da sala de aula e permitam o diálogo entre teoria, prática e realidade social, como defende Freire (1996) e Tardif (2002). Essa perspectiva se torna ainda mais relevante quando se considera que o professor, enquanto mediador do conhecimento, precisa desenvolver competências que não se constroem apenas em ambientes formais de ensino. Assim, os espaços não-formais de educação, como museus, parques científicos, centros culturais e outras instituições voltadas à divulgação científica, configuram-se como importantes ambientes de aprendizagem, tanto para os visitantes quanto para os futuros professores que neles atuam.

A integração de licenciandos em espaços como o Museu Espaço Ciência, localizado em Olinda-PE, proporciona vivências formativas que favorecem o desenvolvimento de habilidades pedagógicas fundamentais, como a escuta ativa, a adaptação à diversidade de públicos e a construção coletiva do conhecimento. Essas experiências contribuem para que os licenciandos reconheçam o valor da educação em diferentes contextos, ampliando a compreensão sobre os processos de ensino e aprendizagem. Como afirma Freire (1996), o ato educativo deve se fundamentar no diálogo, na escuta e na sensibilidade diante do outro, elementos que se materializam nas interações entre monitores e visitantes.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo analisar de que forma a atuação em ações de monitoria no Espaço Ciência contribui para a formação inicial de professores de diferentes áreas, especialmente no desenvolvimento de saberes docentes relacionados à comunicação, flexibilidade didática e contextualização dos conteúdos. A proposta nasceu da necessidade de compreender a potência educativa dos espaços não-formais e de reconhecer como essas vivências complementam e enriquecem a formação acadêmica tradicional.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, julio.cplima@ufpe.br;



Metodologicamente, a pesquisa combinou uma revisão bibliográfica com registros reflexivos produzidos ao longo da experiência de monitoria. Os referenciais teóricos incluem autores como Tardif (2002), que valoriza os saberes da experiência como dimensões centrais na constituição da identidade docente; e Callai (2010), que discute o território como espaço de aprendizagem, ressaltando a importância de vincular os conteúdos escolares às realidades vividas pelos sujeitos. A análise desses registros permitiu identificar aprendizagens significativas relacionadas à prática pedagógica, à autonomia e ao desenvolvimento de um olhar crítico sobre o papel do professor fora do ambiente escolar.

Os resultados indicam que os espaços não-formais de educação favorecem práticas pedagógicas mais criativas, flexíveis e contextualizadas, contribuindo para a formação de professores sensíveis à diversidade sociocultural dos públicos com os quais interagem. Conclui-se que experiências como a monitoria no Espaço Ciência ampliam o repertório formativo dos licenciandos, fortalecendo uma docência comprometida com o diálogo, a inclusão e a construção compartilhada do conhecimento.

METODOLOGIA

O trabalho foi conduzido a partir de duas principais fontes de informação; (1) uma revisão bibliográfica sobre formação docente, educação não-formal e saberes da experiência, e (2) registros reflexivos elaborados pelos monitores ao longo do período de atuação no museu. A revisão bibliográfica buscou embasar teoricamente a análise, dialogando com autores como Freire (1996), Tardif (2002), Callai (2010) e Gohn (2011), cujas contribuições permitiram compreender o espaço não-formal como ambiente de construção de saberes, mediação cultural e diálogo entre ciência e sociedade.

Os registros reflexivos, consistiram em anotações pessoais, relatos de situações vivenciadas com os visitantes e reflexões produzidas após as atividades de mediação. Esses materiais foram sistematizados e analisados por meio da técnica de análise temática, permitindo identificar recorrências, desafios e aprendizagens associadas à prática docente nesses contextos.

Durante o período de observação e atuação, os monitores participaram de atividades diversas, incluindo mediações em exposições interativas, acompanhamento de grupos escolares, ações itinerantes de divulgação científica e formação continuada



promovida pela equipe pedagógica do museu. Cada uma dessas experiências foi registrada e posteriormente discutida coletivamente, a fim de promover uma reflexão crítica sobre as práticas e sobre as competências desenvolvidas ao longo do processo.

O enfoque metodológico adotado busca valorizar o protagonismo dos licenciandos enquanto sujeitos que constroem conhecimento a partir da experiência, conforme defende Tardif (2002). Ao analisar as práticas mediadoras sob uma perspectiva reflexiva, foi possível compreender como a vivência em espaços não-formais contribui para a constituição de saberes profissionais e para o fortalecimento de uma postura pedagógica mais crítica, criativa e sensível às realidades dos diferentes públicos;

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação docente é um processo contínuo que envolve a articulação entre o conhecimento teórico, a prática pedagógica e as experiências vividas nos diferentes contextos educativos. De acordo com Tardif (2002), os saberes docentes são construídos ao longo da trajetória profissional e resultam da interação entre saberes disciplinares, curriculares, pedagógicos e, sobretudo, os saberes da experiência. Esses últimos se configuram como aprendizagens produzidas no cotidiano, em situações reais de ensino, nas quais o professor precisa agir, decidir e refletir de maneira constante.

No âmbito da educação não-formal, esses saberes ganham novas dimensões, pois os espaços de atuação se caracterizam pela diversidade de públicos e pela flexibilidade das práticas educativas. Gohn (2011) define a educação não-formal como aquela que ocorre fora do sistema formal de ensino, mas que mantém intencionalidade educativa, contribuindo para a formação cidadã, cultural e científica dos sujeitos. Tais espaços, como museus, centros de ciências e instituições culturais, possibilitam uma aprendizagem mais livre, dialógica e contextualizada, aproximando o conhecimento científico do cotidiano das pessoas.

Paulo Freire (1996) destaca que o ato educativo deve se fundamentar no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento. Para o autor, a relação entre educador e educando é horizontal e mediada pela experiência de ambos, o que exige sensibilidade e respeito à diversidade. Essa perspectiva é essencial para compreender o papel do monitor em espaços não-formais: um mediador que traduz o conteúdo



científico em linguagem acessível, estimula a curiosidade e cria pontes entre o saber acadêmico e as vivências dos visitantes.

A ideia de mediação dialoga também com a noção de território educativo discutida por Callai (2010), que entende o território como espaço de aprendizagem, de trocas e de experiências significativas. Ao trazer essa concepção para o contexto do Espaço Ciência, compreende-se que o museu é mais do que um local de exposição, é um território vivo, onde o conhecimento se constrói coletivamente e se vincula à realidade social dos sujeitos.

Dessa forma, o referencial teórico que sustenta este trabalho reconhece os espaços não-formais como ambientes formativos potentes, que ampliam o horizonte da formação inicial docente ao promover o encontro entre teoria e prática. Tais vivências permitem que o futuro professor compreenda a complexidade do ato educativo e desenvolva uma postura crítica, reflexiva e criadora diante dos desafios da docência atual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros reflexivos e das experiências de monitoria no Museu Espaço Ciência evidencia que a vivência em espaços não-formais de educação contribui de maneira significativa para a formação docente, promovendo o desenvolvimento de competências que dificilmente emergem em contextos puramente escolares. Ao longo da atuação dos licenciandos, foi possível observar que as interações com o público, composto por grupos escolares, famílias e visitantes, exigiram constante adaptação das estratégias comunicativas e pedagógicas, estimulando o aprimoramento da escuta ativa e da comunicação acessível. Essa dimensão relacional da prática dialoga diretamente com o pensamento freireano, segundo o qual a educação se concretiza por meio do diálogo e da escuta sensível, que permitem reconhecer o outro como sujeito de saber e construir o conhecimento de forma compartilhada (Freire, 1996).

As situações vivenciadas no museu revelaram também que o ato educativo em espaços não-formais demanda flexibilidade e capacidade de improvisação. Os licenciandos precisaram lidar com perguntas inesperadas, dificuldades na compreensão de conceitos científicos e diferentes níveis de atenção do público, o que os levou a criar estratégias pedagógicas dinâmicas e contextualizadas. Esse processo de agir e refletir em tempo real reforça o que Tardif (2002) denomina “saberes da experiência”,



conhecimentos produzidos na prática e que se tornam parte constitutiva da identidade docente. A monitoria, nesse sentido, funcionou como um espaço formativo em que a teoria aprendida na universidade foi reinterpretada à luz das situações concretas de mediação, possibilitando a construção de uma postura mais autônoma, crítica e criativa diante dos desafios do ensino.

Além disso, as experiências analisadas permitiram compreender o museu como um território educativo, conforme a concepção de Callai (2010), que entende o território como espaço de trocas, experiências e aprendizagens contextualizadas. O Espaço Ciência se mostrou não apenas como um ambiente de divulgação científica, mas como um local de encontro entre diferentes saberes e culturas, em que o conhecimento ganha sentido a partir das vivências dos sujeitos. Os monitores, ao relacionarem os conteúdos científicos com a realidade dos visitantes, contribuíram para transformar o espaço em um ambiente de educação dialógica e significativa, aproximando o saber acadêmico do cotidiano.

Essa perspectiva se articula à reflexão de Gohn (2011) sobre a educação não-formal como processo formativo que valoriza a cidadania e o aprendizado coletivo. Ao vivenciarem o papel de mediadores, os licenciandos perceberam que ensinar em espaços como o museu não é apenas transmitir informações, mas provocar curiosidade, promover diálogo e incentivar a reflexão sobre o mundo. As aprendizagens construídas durante a monitoria revelaram-se fundamentais para o amadurecimento profissional dos participantes, pois os colocaram diante de situações que exigiram empatia, sensibilidade e tomada de decisão pedagógica constante.

Os resultados, portanto, indicam que os espaços não-formais de educação representam um campo potente para a formação docente, ao integrar teoria e prática em experiências concretas de ensino e aprendizagem. A vivência no Espaço Ciência favoreceu a compreensão de que o ato educativo ultrapassa os limites da sala de aula e se manifesta nas interações cotidianas, nas escutas e nas mediações que tornam o conhecimento acessível a diferentes públicos. Essa experiência reforça o compromisso ético e social da docência, alinhando-se à concepção freireana de educação transformadora e à valorização dos saberes experienciais propostos por Tardif (2002). Dessa forma, as práticas desenvolvidas no museu contribuíram não apenas para o fortalecimento das competências pedagógicas dos licenciandos, mas também para a construção de uma visão mais ampla, crítica e humanizadora sobre o papel do professor na sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de monitoria no Museu Espaço Ciência evidenciou que os espaços não-formais de educação representam contextos formativos fundamentais para a construção dos saberes docentes. As vivências analisadas permitiram compreender que o diálogo, a escuta e a mediação são práticas que fortalecem a autonomia e a reflexão crítica dos futuros professores, aproximando a formação inicial da realidade social e cultural dos sujeitos.

Os resultados apontam que o contato com públicos diversos estimula competências pedagógicas essenciais, como a comunicação acessível, a empatia e a flexibilidade didática, reafirmando a importância dos saberes da experiência na constituição da identidade profissional docente (Tardif, 2002). Nesse sentido, a atuação em espaços como o museu amplia o repertório formativo dos licenciandos e contribui para uma docência mais sensível, criativa e comprometida com o diálogo, conforme defende Freire (1996).

Do ponto de vista da pesquisa, os achados reforçam a necessidade de novas investigações sobre os impactos formativos das práticas educativas em espaços não-formais, considerando diferentes contextos e públicos. Tais estudos podem aprofundar a compreensão sobre como esses ambientes dialogam com as políticas de formação docente e com as demandas da educação contemporânea, fortalecendo a integração entre universidade, escola e sociedade.

Palavras-chave: Mediação; Licenciatura; Didática; Espaços interativos; Formação crítica.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Didática da Geografia: práticas e textualizações no cotidiano escolar. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

